



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Movimentos Sociais e Serviço Social

O HIP HOP NA RUPTURA COM O PROCESSO DE ALIENAÇÃO

Cristiane Pinheiro de Azevedo¹

Resumo: Neste artigo promove-se a reflexão sobre a importância histórica da linguagem, que é um instrumento de sociabilidade e também um marcador de posições políticas. Entendendo que a música, como uma de suas expressões, não é neutra, pois traduz também uma ruptura com o processo de alienação inerente a sociedade capitalista, através de suas diferentes formas, como é o caso do Hip Hop, que utiliza uma linguagem corporal, gráfica e musical para expressar as contradições existentes na sociedade de classes.

Palavra-chave: linguagem, alienação, arte, ruptura.

O homem é um sujeito político, histórico, concreto e na sua relação com os outros homens e a natureza, estabelece linguagens diversas que explicitam sua condição social, cultural política e econômica. A linguagem é um elemento fundamentalmente importante para a interação social. É um veículo que transmite informações, ideias, valores e representações entre diversos grupos sociais. Mas que também sofre modificações e adaptações ao longo dos tempos históricos, sob influência direta ou indireta dos conflitos entre duas classes fundamentais de interesses antagônicos, já que, segundo Marx, “toda sociedade está se dividindo, cada vez mais, em dois grandes campos hostis, em duas grandes classes em confronto direto: a burguesia e o proletariado” (MARX, 2012, p. 186).

A transmissão de um lugar para outro, de um grupo para outro, dos símbolos, do conhecimento e da realidade empírica cotidiana é feita através da linguagem que se desenvolve em um determinado contexto social dinâmico. A relação que envolve essa transmissão pode ocorrer de forma horizontal ou vertical. Segundo Moura:

O esforço de expressar-se, e com isto comunicar-se, do membro de uma classe ou grupo superior, ou subordinado, no sistema de estratificação, concretiza-se na escolha do vocabulário, entonação da voz, altura e conotação da mesma, e, especialmente nos significados sociais que se tornam diferentes em cada caso. (MOURA, 1994, p.196)

No Brasil escravista, até 1888, a forma de se expressar entre senhor e a pessoa escravizada, embora fosse através da língua, abarcava outras conotações de significados diferentes. Moura (1994) afirma, ainda que, “isso não quer dizer uma diferença apenas de

¹ Profissional de Serviço Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, E-mail: cris.seso.uerj@gmail.com.

linguagem, mas reflete toda a carga de diferenças psicológicas decorrentes da posição na qual os membros que se expressam ocupam no sistema de estratificação social ou classe”.

Essa diferenciação produz uma série de conflitos e tensões devido a subalternidade social, econômica e cultural, pois até o fato de expressar seus pensamentos e emoções indica possibilidades de transgredir ou violar as normas hierárquicas de padrões já estabelecidos. Os escravizados eram programados a repetir sem entender a linguagem de seus senhores, ou seja, o domínio linguístico era também ideológico e cultural.

A constante repressão imposta aos escravizados interrompia as tentativas de auto expressão. “Por isso o escravo muitas vezes achava, mais fácil, uma agressão física, uma violência corporal a uma ofensa verbal” (Moura,1994. p.198). A inibição dessas falas de forma catártica acarretava, em alguns casos, atitudes violentas que poderiam parecer não ter motivos para tal.

A passagem do africano boçal a ladino implica em toda uma estratégia cultural de adaptação não apenas linguística, mas social, na medida em que abre para ele a possibilidade de inteirar-se do universo do senhor, dos seus valores, dos seus símbolos e de seu poder através da língua que lhe é transmitida, com palavras carregadas de significado ideológico. O universo, o qual ia se abrindo e era por ele interiorizado, era aquele cujo significado o senhor lhe comunicava através da língua escolhida para que fosse um bom escravo. (MOURA,1994, p.198).

Os escravizados também possuíam seus mecanismos de resistência e criavam estratégias de comunicação entre si, para que não fossem entendidos por seus senhores, os quais assimilavam algumas palavras e as incorporavam em seu cotidiano. Porém, os senhores as utilizavam impregnadas de significados simbólicos e ideológicos diferentes. Nessa relação dialética, o que predominava era a linguagem do senhor, pois era quem possuía o poder político, econômico e de posse do corpo do outro. Toda relação era de dominação e subordinação, refletidas na linguagem e propagada entre os diversos grupos, no sentido de manter o senhor sempre senhor e o escravizado sempre subjugado através de mecanismos coercitivos violentos.

Quando o cativo não estava diretamente coagido, inibido ou reprimido pelo senhor, seus prepostos imediatos ou representantes do poder, a sua loquacidade era por demais significativas não apenas em nível coloquial individual, mas em nível de manifestação coletiva, através de várias atividades grupais onde o falar e o cantar tinham uma função catártica indiscutível. Podemos dizer mesmo que o negro ao se desinibir da camisa de força ritualística da linguagem imposta pelo senhor, a qual o obrigava a um código de linguagem passivo e apenas concordante, expandia-se em manifestações coletivas de libertação simbólica através da palavra e da música. Até hoje isso é visível nos descendentes de escravos que compõem a população negra do Brasil. (MOURA,1994, p.203).

Segundo Biko (1990), a música para os africanos não era considerada um luxo, mas fazia parte de seu cotidiano para se comunicar, expressando suas angústias, alegrias, ou

seja, acompanhava desde os momentos de brincadeira das crianças, ao trabalho e durante a preparação para a guerra. Outro aspecto interessante é que eles nunca cantavam sós.

Não há nada que mostre de modo tão intenso o ânimo dos africanos em se comunicar uns com os outros como seu amor pela música e pelo ritmo. Na cultura africana, a música se encontra presente em todos os estados emocionais [...] As melodias eram adaptadas para se adequar a ocasião e tinha o efeito maravilhoso de fazer com que todos entendessem as mesmas coisas a partir da experiência comum. Na guerra, os cantos tranquilizavam aqueles que tinham medo, acentuavam a determinação do regimento de ganhar uma batalha e tornavam muito mais urgente a necessidade de acertar as contas; no sofrimento, como no caso dos escravos negros, ajudavam a extrair a força do sentimento de união; no trabalho, o ritmo que une faz com que o fardo se torne mais leve para todos (BIKO, 1990, p.58).

Tella (1995), também destaca a importância da música como forma de extravasar a revolta, de um povo historicamente oprimido como vemos a seguir:

O grito (uma fala em via de se tornar um canto) foi a primeira forma musical encontrada pelos escravos para expressar suas emoções dentro do campo de trabalho. Por meio dele, o negro exteriorizava seus sentimentos. Servia também como forma de comunicação, inclusive nas ocasiões em que mensagens secretas tinham que ser transmitidas (ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001, p.129)

Na contemporaneidade nos deparamos com diversos estilos musicais da diáspora africana que expressam através de sua musicalidade e letras a vida cotidiana com seus sonhos, tristezas e angústias. Também apresentam como uma alternativa de divertimento e lazer.

Essas manifestações da diáspora não se realizam somente através da música, aconteciam também através da dança, da poesia, literatura, esculturas, pintura, religião, culinária, entre outros. Os elementos que compõem o Movimento Hip Hop é um exemplo de que essa raiz ainda hoje está presente e traduz o sentimento de uma parcela da população que vive marginalizada, explorada e submetida diariamente à violência psicológica, física, emocional e institucional.

A música e a arte, de forma geral, como observamos, são linguagens com forte influência sobre a consciência coletiva. Ela (a linguagem) é carregada de valores e é a expressão materializada de uma visão de mundo daquele que a transmite. Por isso, o processo de internalização de determinados valores que servem como base de construção dessa visão é reafirmado através de diferentes suportes comunicacionais.

Partindo das reflexões de Mauro Iasi sobre o processo de consciência e resistência, nota-se que no processo de ruptura política e cultural com o *status quo* pode-se elevar uma consciência alienada para uma consciência revolucionária. Segundo o autor, a consciência é um processo porque não é algo dado, mas construído e transformado ao longo do tempo. Ela é determinada historicamente e está em movimento e se desenvolve até que haja uma ruptura, gerando outra forma de consciência. Uma outra consciência, que carrega em si, traços da anterior e que produz elementos que a levará a superação de si mesma. É uma

experiência que cada pessoa vive individualmente e é diferente em cada uma delas, pois dependerá das relações vivenciadas por cada indivíduo e da relação deles com a natureza, isto é, as relações entre os homens e a relação desses com a natureza são condicionados por inflexões políticas, econômicas, culturais e sociais. A consciência tem uma dimensão individual e uma dimensão coletiva pois está relacionada também as determinações ideológicas da vida social.

É preciso compreender, segundo Iasi (1999), quais são as fases deste processo, e como a consciência individual pode se constituir em uma consciência coletiva. Primeiramente é necessário entender como se formam as representações, ou melhor, a nossa concepção de mundo, que caracteriza a primeira forma de consciência.

Os homens constroem uma representação mental das coisas, das atitudes e sentimentos que os cercam. São percepções mediadas na sua relação com o mundo externo e, que se interiorizam no indivíduo, podendo se tornar consciente ou não. Para Iasi (1999), "A consciência seria o processo de representação mental (subjetiva) de uma realidade concreta e externa (objetiva), formada neste momento, através de seu vínculo de inserção imediata (percepção). Dito de outra forma, uma realidade externa que se interioriza." (IASI, 1999, p.17)

Contudo, essa realidade interiorizada é a captura da parte do todo, tornando-se uma imagem mental limitada, visto que o indivíduo é parte de um processo histórico que o antecede. Posteriormente, se somarão a esse processo, ideias já sistematizadas em forma de conhecimento, que explicarão processos anteriores e que servirão de terreno para que o indivíduo desenvolva uma concepção de mundo.

A esse processo de formação da consciência o autor acrescenta três aspectos da alienação do ser humano. O primeiro é na relação com a natureza, onde o homem não se identifica no fruto de seu trabalho, que é onde ele estabelece sua relação com a natureza, portanto se torna estranho a ela. No segundo, o homem se aliena de si mesmo, quando se entende como uma "mão de obra", que nada tem a ver com sua força física, vital e intelectual. Não percebe sua relação com a natureza e nem se percebe como sujeito histórico na relação entre as classes sociais. No terceiro, ele está alienado da própria espécie. O trabalho deixa de ser um elo com a humanidade, deixa de ser parte da sua vida para ser uma imposição pelo qual precisa se submeter para sobreviver.

Assim, o homem se aliena de si mesmo e da natureza e apropria-se de sua experiência histórica de forma parcial, fragmentada. A realidade concreta é compreendida a partir das mediações valorativas inerentes a ordem do capital. Quando esse homem submetido a lógica do capitalismo precisa explicar algo que desconhece utiliza um referencial moral e valorativo internalizado anteriormente e apresenta respostas como se

fossem próprias e isentas de interferência externa. Porém essa explicação não passa de uma visão fragmentada e carregada de preconceitos concebidos em diversas fases históricas.

A partir da compreensão da formação da consciência é possível compreender que leva o oprimido a assumir a visão de mundo do opressor e reproduzir essas ideias como se fossem próprias de sua classe. Mas entendemos também que é possível romper com esse ciclo de alienação utilizando as diferentes linguagens como mecanismo ideológico potencializador de novas experiências políticas que contribuam para a compreensão do homem como sujeito histórico capaz de transformar a si mesmo e a sociedade em sua volta. Como dito anteriormente, há nas diferentes linguagens uma potência política e ideológica para práticas que coloquem em xeque a ordem social burguesa.

É por suas características particulares de movimento social contestador e radical que o Hip Hop se apresenta, desde suas origens, como sujeito político importante na luta e defesa de uma sociedade sem classes sociais onde não há exploração do homem pelo homem e nem práticas opressoras bárbaras. Essa linguagem é transmitida pelos artistas através de suas obras (música, *Graffiti*, dança) e influencia diretamente a subjetividade de quem a experimenta e também a sua consciência.

Para entender o contexto em que surge Movimento Hip Hop e compreender os genes contidos em seu DNA, é preciso lembrar que a década de 1960 foi marcada por discussões e mobilizações sociais que visavam questionar a ordem vigente, com a proposta de construção de uma nova sociedade. Podemos recordar do movimento estudantil francês que intensificava suas mobilizações, as lutas feministas que se fortaleciam paralelamente, com o advento da pílula anticoncepcional, que permitiu às mulheres planejar suas vidas com maior liberdade sexual, o crescimento do movimento negro, com destaque para os nomes de Marthin Luther King, Malcolm X e grupos como o Partido Pantera Preta para Autodefesa (Black PantherParty for Self-Defense).

Temos que lembrar também que os anos 60 foram tempos de agitação política nos EUA como um todo. Por dez anos, entre 65 e 75, os EUA fizeram guerra no Vietnã, pequeno país da Ásia. Era a época da Guerra Fria, os americanos temiam que o comunismo dominasse o mundo. Por isso o governo queria derrotar o exército comunista do Vietnã do Norte e manter o capitalismo no Vietnã do Sul. Não apenas conseguiu, como enviou para a morte dezenas de milhares de jovens americanos, produziu outros tantos mutilados e traumatizados pela violência que haviam presenciado (muitos voltaram viciados em drogas, principalmente heroína) [...] Eles tinham dificuldade para se reintegrar a sociedade, conseguir trabalho e acabavam marginalizados. (PIMENTEL, 1997)

Dentre toda essa agitação política, destacamos que esse período foi bem marcante para a luta do antirracista Malcolm X, convertido ao Islamismo, pregava o combate da violência com violência e acreditava que a solução para o povo preto seria o retorno para a

África. Porém, depois de sua visita a Meca, em 1964, ele se deu conta que sua luta não era contra o homem branco, mas sim contra o capital, e logo foi assassinado. Já o Pastor Martin Luther King, pregava a luta contra o racismo de forma pacífica (Idem, 1997). Contudo, pouco se fala, mas antes de seu assassinato, em 1968, ele havia se dado conta de que não seria possível uma solução para a opressão de forma pacífica.

Muitos jovens, em sua maioria latinos e negros norte-americanos - que viviam em uma espécie de apartheid social - fizeram da música um instrumento de diálogo e contestação. A arte trazia uma possibilidade de agregar e organizar a população. Expressões como "Say it loud: I'm Black and proud!" (Diga alto: Sou negro e orgulhoso!), frase de Steve Biko, líder sul-africano" (PIMENTEL, 1997), presentes na música de James Brown ecoavam nas periferias proporcionando um sentimento de pertencimento e enchendo de orgulho da cultura tão marginalizada socialmente.

Walter Benjamin acredita na reprodução da arte como forma de democratização da cultura e que estas poderiam ser utilizadas a favor de uma crítica revolucionária. Contudo o capital não mede esforços para estetizar a arte, esvaziando de sentidos, se apropriando do conhecimento popular e devolvendo como algo homogêneo que se adapta a lógica burguesa, seguindo os movimentos do mercado, porém, sendo apresentado como se fosse algo novo. (Chauí, 2006)

Adorno e Horkheimer escreveram que: "a obra de arte, atualmente, não transcende o mundo dado, é "arte sem sonhos", é sono que adormece a criatividade, a consciência, a sensibilidade, a imaginação, o pensamento e a criatividade tanto do artista como do público. Os produtores da indústria cultural buscam meios de serem alegremente consumidos em estado de distração" (CHAUÍ, 2006, p.28).

Pelo Brasil, o Movimento Black Power foi ganhando cada vez mais adesão. Na década de 1970, os Bailes Black se espalhavam pelas periferias e a trilha sonora era o Funk e o Soul. Enquanto nas pistas de dança davam seus primeiros passos de break, os telões projetavam imagens de "cenas de filmes sobre os negros americanos, além de fotos de negros famosos, músicos ou esportistas brasileiros e estrangeiros" (PIMENTEL, 2007). O cenário político era marcado pelo fim de um regime civil/militar, o ressurgir dos movimentos que foram abafados pela ditadura e a criação de três grandes movimentos, como expressa Dias:

Em meio ao apodrecimento político das estruturas do regime militar, nascia o Hip Hop, como instrumento de resistência negra em pleno ascenso dos movimentos sociais do Brasil. Foi, também, a década do nascimento da CUT, do PT e do MST. Respectivamente, a maior central sindical, o maior partido de trabalhadores e o maior movimento social da América latina. E não por acaso, nascia, ainda que de forma espontânea, um dos mais politizados movimentos Hip Hop do mundo, o brasileiro. (DIAS, 2005)

Dessa forma, o Hip Hop chegou a vários estados brasileiros e como não havia uma ideia clara sobre o Movimento como um todo, pois os elementos chegaram de forma fragmentada (rap, break, grafitti, DJ), ele foi sendo assimilado diferentemente em cada região, de acordo com as características locais. Desde o princípio, os espaços públicos eram priorizados por serem acessíveis a maioria. Contudo, comerciantes acreditavam que a presença de jovens de roupas coloridas e cabelos “diferentes” espantavam a clientela, então, acionavam a polícia. Lembremos que nesse período passávamos por uma ditadura civil/militar e diversos artistas eram presos e/ou agredidos constantemente por transgressão a ordem.

Embora o cenário do Movimento Hip Hop estivesse se formando em diversos estados, foi em São Paulo que ele se estabeleceu com maior força e se tornou referência para alguns outros estados, inclusive, para o Rio de Janeiro. O Hip Hop que provocou inquietações em uma massa de jovens perdidos em meio as injustiças cometidas diariamente por um sistema cruel e passam a perceber o que tem em comum com tantos outros jovens. É através do Hip Hop que esses jovens passaram a trilhar novos rumos e a afirmar uma identidade. Quando percebido o potencial de influência deste movimento sobre a juventude, permitindo questionar as relações sociais vigente e romper com a alienação, vira objeto de interesse da burguesia.

As investidas são no sentido de controlar, domesticar a subjetividade, aumentar seus lucros e manter sua hegemonia. É através de um sistema de relações que universaliza a visão de mundo que serve como base para a manutenção da ordem vigente.

Portanto, não se trata apenas de diversão e entretenimento. Estamos falando de disputa de consciência, em uma guerra de posições para a construção de uma nova ordem societária.

O Serviço Social atua nas relações cotidianas da vida social. O profissional tem na linguagem seu instrumento privilegiado de trabalho, onde ele busca, através da sua atuação profissional contribuir no processo de construção da visão de mundo do usuário. O Serviço Social não é homogêneo, portanto, existem forças dentro da profissão que buscam a “integração” à sociedade (IAMAMOTO, 2014). Contudo, continua a autora:

Isso não significa desconsiderar a existência de rumos alternativos, que recusam a incorporação da educação do opressor, perspectiva que é minoritária no conjunto do meio profissional, mas profundamente significativa, diante de seu caráter inovador dentro da tradição conservadora da instituição Serviço Social. (IAMAMOTO 2014: 123)

Não estamos colocando em questão a participação do profissional do Serviço Social no Movimento Hip Hop, mas o apoio, como está exposto em seu código de ética da profissão, aos movimentos sociais e organizações populares, visto que, tanto o Hip Hop

combativo quanto o serviço social têm em comum um projeto societário livre da “dominação, exploração de classe, etnia e gênero” (Código de Ética Profissional do Assistente Social).

REFERÊNCIAS

BIKO, Steve. *Escrevo o que eu quero*. Tradução de Grupo Solidário São Domingos. São Paulo: Ática, 1990.

COUTINHO, C. N. *O conceito de política nos Cadernos do cárcere*. COUTINHO, C. N, e TEIXEIRA, A. P. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DIAS, Hertz. *Manifesto às organizações de Hip Hop Brasileiro*. 2007. Disponível em: <http://quilombourbano.blogspot.com.br/search?q=manifesto>. Acesso em: 02/03/2013.

DOMINGUES, Sérgio. *A contribuição do hip-hop para a construção de pedagogias de resistências e de transformação social*. 2014.154f. Dissertação (Políticas Públicas e Formação Humana) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro.

GIANNOTTI, Vito, 1943. *Muralhas da linguagem/Vito Giannotti*. - Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

IAMAMOTO, Marilda Villela. *O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional/ Marilda Villela Iamamoto*. 24. ed. - São Paulo, Cortez, 2013

IAMAMOTO, Marilda Villela. *Relações sociais e serviço social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica / Marilda Villela Iamamoto, Raul de Carvalho*. – 40. Ed. – São Paulo: Cortez, 2014.

IASI, Mauro Luis 118p *Processo de consciência / Mauro Luis Iasi*. São Paulo: CPV, 1999.

Marx, Karl, 1818 – 1882. *Manifesto do partido comunista*. In: *O leitor de Marx/ José Paulo Netto [organizador]* – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MELO, Marilene Carlos do Vale. *A figura do Griot e a relação memória e narrativa*, In: *Griots - culturas africanas: linguagem, memória, imaginário / Organizadores: Tânia Lima, Izabel Nascimento, Andrey Oliveira*. – 1.ed. - Natal: Lucgraf, 2009.

MONTAÑO, Carlos. *Estado, classes e movimento social/Carlos Montaña, Maria Lúcia Duriguetto*. - 3.ed. -São Paulo: Cortez, 2011. - (Biblioteca básica de serviço social; v.5)

MOURA, Clovis. *Dialética radical do Brasil negro/ Clovis Moura*. -São Paulo, Ed. Anita Garibaldi. 1994

PIMENTEL, Spency K. O livro vermelho do hip-hop. São Paulo, 1997. Trabalho de Graduação em Comunicação Social com habilitação em jornalismo, ECA/USP. Disponível em: <http://clam.sarava.org/node/75>. Acesso em: 15/02/2013.

ROCHA, J.; DOMENICH, M.; CASSEANO, p. Hip Hop: A periferia grita. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.

SOUZA, Flávia Monteiro de Castro. Juventude e movimento hip-hop: a construção de identidade, luta por direitos e cidadania. 2010. 133f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Brasil. Código de ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. - 10ª. ed. rev. e atual. - [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2012]. 60 páginas "Atualizado em 13.3.1993, com alterações introduzidas pelas Resoluções CFESS n.290/94, 293/94, 333/96 e 594/11.

FILMES:

Beat Street. Direção de Stan Lathan. EUA: 1984. (105 min)

Wild Style. Direção de Charlie Ahearn. EUA: 1983. (82 min)

Black Panthers. Direção de Mario Van Peebles. EUA: 1995 (2h4min)

Flashdance (1983), Breakin (1984)